

Sylvie Baussier



EU, MEDUSA



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Monstrinhos
da mitologia

EU, MEDUSA

 Planeta minotauro

Sylvie Baussier

Tradução

Carolina Grego Donadio

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Scrineo, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Carolina Grego Donadio
Todos os direitos reservados.
Título original: *Moi, Méduse*

Preparação: Mariana Silvestre de Souza
Revisão: Thayslane Ferreira e Caroline Silva
Diagramação: Lilian Mitsunaga
Capa: Tristan Gion
Imagens de capa: Tristan Gion
Adaptação de capa: Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Baussier, Sylvie
Eu, Medusa / Sylvie Baussier ; tradução de Carolina Grego Donadio. -
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
96 p. : il.

ISBN: 978-85-422-2649-2
Título original: *Moi, Méduse*

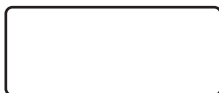
1. Literatura infantojuvenil francesa I. Título II. Donadio, Carolina
Grego

24-0629

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil francesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1



Planeta minotauro

Desde que acordei, escuto a voz rouca de vovó Gaia, a Terra, que carrega rochas em seus sentimentos. Também escuto a voz de Ponto, meu avô, que lhe responde com gestos de água batendo na areia. Um vive em uma grande montanha e o outro, nas ondas, e é por isso que estou tão próxima deles. Eu vivo com os meus pais, em Agrímnion, na costa de Acaia, entre o mar e as montanhas.

Esse lugar parece um sonho. Mesmo bem jovem, eu já sei disso. As aberturas da nossa casa

dão para o azul sem fim do mar, do lado de vovô, e para as montanhas escondidas por trás da neblina, do lado de vovó. No pátio, que fica no centro da casa, brinco com minhas irmãs górgonas, Esteno e Euríale. Não sou muito próxima das minhas outras irmãs. Inclusive, fujo das duas greias, porque elas me dão medo; ainda que sejam só um pouco mais velhas que eu, essas rabugentas nasceram todas enrugadas. É assim, parece até que elas são mais velhas que a vovó Gaia!

Também fujo de Cila, minha outra irmã, pois ela fica sempre rodeada de cães com dentes afiados. Eles não são seus animais de estimação, na verdade são parte do corpo dela! A coitada foi transformada por uma feiticeira chamada Circe. Ontem, um deles latiu para mim, uma baba gosmenta caiu pingando da boca, e Cila me preveniu:

— Vá embora, Medusa, meus bichos estão com fome de carne, posso sentir... Fique longe!

Eu me afastei sem falar nada, com o coração batendo quase na boca. Só Teosa me parece doce,

mas ela nem me dá bola. Essa ninfa marinha nem liga para a nossa família; ela passa o dia nas ondas, mergulhando, provocando os golfinhos, se misturando aos cardumes de peixes, brincando com os grandes tubarões dos quais ela desvia com habilidade.



No dia seguinte, eu me levanto bem cedinho. Nessa manhã perfumada pela brisa do mar, escuto, escondida atrás de uma das colunas do pátio, meus pais conversando abraçados.

— Nossas filhas estão crescendo... — suspira meu pai, Fórcis. — O que vamos fazer com elas?

— Elas são tão diferentes umas das outras... — confirma minha mãe, Ceto, balançando os longos cabelos escuros como a noite.

Meu pai dá uma gargalhada alta que balança todo o seu corpo e até as colunas da nossa casa.

— Uma mulher-cachorro, duas górgonas, que são mortais, e uma outra que não é... — Eu.

— Duas filhas feias que vivem coladas juntas, uma ninfa... A gente teve muita sorte! O destino preparou essas surpresas pra gente, nós que somos os primeiros habitantes do mundo.

— Não ria das nossas filhas — protesta Ceto.
— Tenho medo do futuro delas! Enquanto elas forem crianças, nada acontecerá. Mas e daqui a dois, três anos? O que elas vão se tornar? Vão encontrar um marido? Ai, ai, é o que se espera de meninas gregas!

Um silêncio une meus pais. Eles se conhecem desde sempre, porque eram irmãos antes de se casarem – às vezes isso acontece entre os deuses. Estão unidos para sempre. No começo dos tempos, não éramos muitos na terra. Os animais, alguns deuses, deusas e criaturas estranhas inventadas pela natureza selvagem...

— Nossas greias nunca vão se casar — Mãe retoma o assunto. — Elas são tão feias e inseparáveis! Como poderia ser de outro jeito também? Elas só têm um olho pras duas e um só dente.

— A menos que elas encontrem um marido que seja parecido com elas — brinca meu pai. — Bom, então, será preciso lhes dar um trabalho para que se sintam úteis no mundo.

— Você tem alguma ideia? — pergunta Ceto, surpresa.

— Ainda não, mas ela virá com o tempo. Vamos deixá-las crescer mais um pouco na paz deste lugar.

— Nada é fácil pras nossas filhas — continua mamãe. — Eu vi um dos cachorros do corpo de Cila ameaçar nossa pequena Medusa. Eu as deixei resolverem o problema sozinhas, mas tive tanto medo! — diz, colocando uma mão no coração, como se ele batesse muito rápido só por conta dessa lembrança.

— Vamos precisar mandá-la embora. Podemos pedir alguns conselhos pra Ponto, nosso pai.

O silêncio deles cria um clima tenso, onde é possível perceber o medo.

E, em seguida, eles voltam a falar de mim:

— Nossa pequena Medusa... — começa Ceto, sorrindo.

— Que linda ela está ficando! — completa papai.

— Ela parece uma pérola brilhante...

Silêncio.

— E seus cabelos são tão bonitos... — dizem com a mesma admiração.

Eles se olham e começam a rir.

O que eles dizem é verdade. Meu cabelo é incrível! Os cachos grossos e escuros dançam nos meus ombros. Eles me vestem melhor que uma bela túnica. Meu cabelo nunca foi cortado. Ele só sabe ser livre, assim como eu.

Saio com um sorriso na boca e sinto o amor dos meus pais. Esse amor me abraça. Com eles, me sinto em segurança, nada de ruim pode me acontecer.



Por muito tempo, acreditei nessa doce segurança. Mas alguns anos se passaram e não sou

mais uma criança. Já sou uma mocinha. Com o tempo, minha gentil ama me trouxe roupas novas para substituir aquelas que ficaram muito pequenas. Meus cachos escuros chegam até minha cintura e cada manhã, como hoje, eu os penteio com cuidado. Às vezes, faço uma careta de dor por causa de um nó. Converso distraída com essa joia natural, mais bonita que qualquer pulseira de prata:

— Como tenho orgulho de você, minha cabeleira!

 Um estrondo vindo das profundezas da terra responde às minhas palavras. É a vovó Gaia, ela odeia o prazer que eu sinto em me observar. Mais uma vez, tento entender e pergunto:

— Vovó, qual é o problema? Todo mundo gosta dos meus cachos, mas eu não posso falar nada?

— É perigoso! — diz a Terra. — Escute meu conselho antes que seja tarde demais.

Não entendo nada. Em que isso é perigoso?

De repente, uma voz ressoa em algum lugar do céu, por detrás das nuvens de tempo bom.